

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ

Redactor principal — ALEXANDRE VIEIRA



PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

ANO IV — Número 1.138

Redacção, Administração e Tipografia

Sabado, 5 de Agosto de 1922

Calçada do Combro, 38-A, 2º • Lisboa — PORTUGAL

Endereço telegráfico: Talhada-Lisboa-Telex 5339-0

Oficinas de impressão — Rua da Atalaia, 114 e 115

Propriedade da Confederação Geral do Trabalho

Editor — Carlos Maria Coelho

PREÇO — 10 CENTAVOS

Roubam-nos o pão e tapam-nos a boca!

A BATALHA tem sido apreendida em vários pontos do país, como Pórtugal, Coimbra, Castelo Branco e em Lisboa também houve ontem hesitações em deixá-la circular. A república vai trilhando bom caminho: roubam-nos o pão e tapam-nos a boca!

Ou tipo único de pão barato -- ou revolta geral!

Eis dois caminhos a seguir! Ou os poderes públicos reconhecem a miséria e da revolta que o novo regime cereafíero veiu provocar!

Se não se der uma satisfação ao povo trabalhador, não haverá baionetas que contenham os ímpetos populares!

Oxalá o parlamento querendo ter direito de morte sobre o povo trabalhador, não assinasse a sua própria condenação!

A burla dos dois tipos de pão

O governo iniciou as perseguições para a defesa dos lavradores, dos moageiros e dos panificadores

Não importa! A voz do povo ainda terá força!

Está-se consumando, contra o povo o maior dos atentados destes últimos tempos. Não temos dito aqui — disso estamos convencidos — nem a torça parte de tudo quanto é possível ter-se congregado contra o povo nesta história do pão. Há, com certeza, combinações das ante-câmaras da governança, da moagem e da panificação que não podem vir a público, porque todas as infamias quase que roubam o povo não lhe veem confessar os seus crimes hediondos, a torpeza do seu procedimento.

E está tam címplice este governo neste infamíssimo atentado que mesmo antes dos protestos públicos se verificarem, ordenava que a força armada estivesse a postos, em todas as localidades, pronta a descerregar sobre o povo soberano as suas armas homicidas, no caso de este pretender fazer ouvir o seu clamor de protesto e de justiça.

Nós, que não nos jactamos de pretender exprimir o que se convencionou chamar a opinião pública — como tanta vez e tam falsamente se apresentam certos jornais — que exprime sincera e desinteressadamente a opinião do povo é A Batalha.

E porque assim é, é também sobre A Batalha que está suspensa a espada de Damocles do governo, que está procedendo para nós, particularmente, como dum modo geral procede para com o povo, oprimindo-nos, vexando-nos, contra a lei e só para que a verdade não se proclame.

E que A Batalha não exprime a vontade da «opinião pública» consubstanciada nos interesses inconfessáveis das empresas pertencentes às «forges do olho vivo». Exprime, sim, a opinião do povo que sofre com a tirania dos governos e com a exploração das castas patronais, do comércio, da indústria e da finanças.

Nestas condições, os ódios governamentais, atingindo o povo, contra o qual estão preparadas as forças da guarda e da polícia, é igualmente contra A Batalha, porque não só não faz o jogo da moagem e da panificação, como não se presta a calar-se para que o governo leve até ao fim o seu atentado contra o povo, favorecendo aquela corja de ladrões.

Por isso mesmo é A Batalha perseguida.

Ontem soubemos pelo telex que no Pórtugal A Batalha havia sido apreendida mesmo à chegada do comboio. Já hoje soubemos que o mesmo aconteceu noutras localidades e nem mesmo as que eram destinadas aos assinantes foram respeitadas.

Ontem foi A Batalha apreendida de novo quando se imprimia.

o seu êrro, ou tomam a responsabilidade da fome, da diques, não haverá palavras ilusórias, nem pontas de

Pró-A BATALHA
O passeio fluvial ao Seixal foi adiado

A questão do pão

O Conselho Confederal da C. G. T. na sua reunião de ontem, entre outras questões de importância, ocupou-se da questão do pão, tendo havido larga discussão sobre o assunto por todos os delegados. O Conselho tomou conhecimento de que o movimento de protesto se está intensificando, abrangendo já várias localidades do país. Nessa conformidade deliberaram que a C. G. T., na sua qualidade de organismo nacional, e cumprido a sua missão social e económica, interviesse no movimento de protesto, tornando-o homogêneo e eficiente, tendo, em todo o caso, em atenção as particularidades locais para o efeito do protesto e reclamação.

Nestas circunstâncias a C. G. T. proclama a sua decisão firme de intervir no movimento geral da população operária contra a recente lei cerealifera, que coloca nas mãos da agricultura, da moagem e da panificação um dos principais gêneros de alimentação para com o mesmo tornar mais infeliz a vida do povo, pela fraude no iote das farinhas, no estabelecimento de dois ou três tipos de pão, consideravelmente aumentados, no seu preço, alias já pesadíssimo para as classes trabalhadoras.

A C. G. T. exorta as populações operárias que promovam movimentos a manter estes a todo o custo, com a máxima energia e esforço de decisão para darem assim, perante o Estado, a sensação exacta e real de defenderem o seu alienável direito à existência.

Sindicato Único Metalúrgico

Effectuou-se ontem uma assembleia magna do S. U. Metalúrgico, para tratar da questão do pão.

Depois de falarem vários camaradas, foi votada, por unanimidade, a seguinte moção:

Considerando que o decreto de lei que restabeleceu os dois tipos de pão é um documento que emanado das instâncias oficiais, vem confirmar que os dirigentes do país estão ao lado dos detentores da terra e dos traficantes do Comércio, dando assim a nota que pretendem reduzir a classe trabalhadora à fome e à miséria;

Considerando que a classe trabalhadora não pode e não deve pagar mais, porquanto ela não ganha o suficiente para fazer face ao constante assalto dos ladrões da sua magra bolsa;

Os operários metalúrgicos sindicados, reunidos em assembleia geral para apreciarem o decreto da fome, resolvem exteriorizar o seu energético protesto, acompanhando qualquer movimento que a U. S. O. entenda levar a efeito para que no mais curto espaço de tempo, seja derogado o referido decreto.

Foi também unanimemente aprovada a proposta seguinte:

«Proponho que seja declarada a greve em princípio, até à última resolução da U. S. O.»

Corticeiros de Belém

Reuniram os corticeiros da área de Belém, para apreciar o decreto que institui os dois tipos de pão, tendo no final depois de ter falado o delegado da U. S. O. aprovado uma moção com as seguintes conclusões:

1º—Dar o seu incondicional apoio a U. S. O., pelas suas resoluções as quais constam da declaração da greve em princípio e manter o tipo único de pão com o preço antigo e cumprir integralmente as citadas resoluções.

2º—Fazer a máxima propaganda entre todos os camaradas e mais vítimas do tão ignobil roubo no sentido do cumprimento das citadas resoluções.

Pessoal do Depósito de Fundamentos

Em reunião da direcção foi deliberado protestar contra o aumento do preço do pão, regime dos dois tipos e contra a crescente carestia da vida.

Operários de Município

Reúniram ontem conjuntamente com a Comissão de Melhoramentos, protestando contra o aumento do pão, assim como contra as autoridades por apresentarem o jornal A Batalha deliberando acolher os operários do Município a aceitarem as resoluções da U. S. O.

Maquinistas Fluviais

Esta classe, reunida em assembleia geral, resolveu protestar energeticamente contra o novo aumento de pão, e os dois tipos, e aguarda as resoluções da Federação Marítima para se manifestar.

Funcionalismo Público

A reunião das direcções das várias associações dos servidores do Estado e da Comissão Central de Funcionários e as

consecutiva da vida se reflete inevitavelmente nos que tudo produzem e nadada possuem;

Esta assembleia resolve protestar energeticamente contra o infamíssimo aumento do pão, que vem trazer aos nossos lares mais uma prova de que os alzados nos querem maior lamentação pela fome.

O povo manifesta-se

No Meia Laranja, na rua Maria Pia, numa padaria da Companhia, o povo obrigou a vender o pão ao preço de \$00. A polícia da esquadra dos Ferrovias empregou certa violência, tendo o guarda 1122 esbofeteado um rapazito.

Um grande número de mulheres, empunhando uma das suas bandeiras pretas com o distico *Abaixo a fome*, foi perseguido pela polícia, sendo presas algumas. A tarde, um cão da esquadra dos ferrovias, foi ao respectivo cabaré e apalhou Mariana Gomes, que protestou contra o abuso, sendo ainda ameaçada pelo mesmo cão.

As mulh. res press foram conduzidas para o Governo Civil.

No dia Maria Pia também compareceu a cavalaria da guarda republicana e uma camionete com metralhadoras.

3.º Congresso Nacional da Construção Civil

Reuniu a Comissão Organizadora que registrou a adesão de vários sindicatos ao Congresso, tendo constatado que ainda alguns organismos se não pronunciaram sobre tam palpável assunto.

Em face de tal anomalia, resolveu a comissão que se iniciasse junto dos referidos organismos uma intensa propaganda pró-Congresso, a fim de fazer interessar todos os componentes da indústria em tam necessário reunião, da qual deverá sair mais fortalecida a nossa Organização Corporativa.

Neste sentido, resolveu oficializar aos sindicatos aderentes ou não à Federação, para que à propaganda a realizar não fosse marcado itinerário por vários factores a aconselhar a tal, devendo no entanto os delegados encarregados dessa missão irem comunicando simultaneamente aos organismos abaixo mencionados o dia em que cada um deve efectuar a sessão pró-Congresso.

Os sindicatos a percorrer são os seguintes:

Lagos, Portimão, Silves, Loulé, Faro, Olhão, S. Brás, Santa Barbara, Messines, Albufeira, Alcácer, Setúbal, Aldegaliza, Coimbra, Figueira da Foz, Aveiro, Pórtalo, Viseu, Famalicão, Vila do Conde, Guimarães, Fafe, Barcelos, Viana do Castelo, Valença do Minho e Régua.

Para os sindicatos do centro do país e arredores de Lisboa serão nomeados delegados alternadamente, a fim de juntar daqueles organismos também se efectuar a necessária propaganda.

Espera, pois, a Comissão Organizadora, que as direcções dos sindicatos se compenetrem do dever que tem a cumprir em auxiliar tanto quanto possível a missão dos delegados, pois que a mesma está empenhada em que as suas resoluções sejam coroadas de éxito,

Considerando que a Comissão Administrativa dos T. M. E. tem repelido as justas reclamações dos humildes tripulantes que são lesados nos seus interesses;

Considerando que há tripulantes que de há oito meses a esta parte têm empenhado todos os seus pâcos haverem;

Considerando mais que a carestia

A Comissão Organizadora

Uma semana na Covilhã

OÂMOS & MOSA
Impressões boas e más, críticas mordazes e suaves do nosso camarada Mário Domingues,

enviado especial de A BATALHA

O hospital

Uma visita que deixa boas recordações, e as enfermeiras religiosas

O Hospital da Covilhã, situado num dos extremos da cidade, numa encosta verdejante de bons pinheiros bravos que perfumam a atmosfera limpa, visto de longe, do centro da cidade, o Hospital tem um aspecto atraente, como uma boa face amiga que nos sorri. Desde a minha chegada à Covilhã que aquele edifício branco não deixou de me sorrir. Às vezes, à tardinha, quando últimos raios dourados do sol suavamente beijavam, animando, colorindo a silva da sua frontaria simpática, eu parava, por momentos, a contemplá-lo com afecto.

Pouco a pouco aquele hospital idílico, foi-se revestindo dum ambiente de mistério, de conto oriental, que desprendia, no meu pensamento, as azas levinhas da fantasia. Cheguei a imaginar mours de encanto, vestidas de branco, os cabelos negros, soltos e revoltos, passando, loucas do amor, por corredores frios e pátrios monúscos.

Não sei porquê, habituei-me a considerar com respeito esse hospital quedo na sua brancura, onde as manchas negras das janelas lembravam olhos curiosos e contemplativos.

A partir do primeiro momento que o meu olhar se fixou nessa edificação singela senti uma grande vontade de desvendar o mistério que se ocultava para lá das suas paredes avivas. Poucas horas antes de deixar, saudoso, a linda beira, um amigo, dos muitos solícitos amigos, que sempre me acompanharam, advinhou talvez a minha curiosidade íntima e levou-me ao hospital.

O meu cicerone, ateu, como o jornalista, mas um pouco mais furibundo, mostrou o seu descontentamento por haver irmãs de caridade no hospital, embora não usassem os seus característicos hábitos religiosos, e fôssem carinhosas para com os doentes. As enfermeiras que antecederam essas religiosas, tocavam piano, cantavam, namoravam, faziam dum local que devia primar pelo sossego e pela paz, um verdadeiro inferno para os enfermos.

A conversa interrompeu-se de súbito. Estavamo-nos à entrada do hospital. Recebemos na madre, senhora delicada, vestida dum negro sóbrio que infundia tristeza. Os seus olhos claros, dum azul tenué de céu primaveril, erguiam-se de quando em quando, habituados a provar no infinito o seu deus protector.

Iniciámos a visita, conversando ligeiramente, sobre os recursos do Hospital. Eravam poucos, muito poucos, embora não provocassem nesse importante estabelecimento a decadência que há dias, numa das minhas cartas, apontei e verberei no Albergue dos Inválidos.

Subiu-nos um corredor ingreme que por dentro do edifício acompanha a inclinação do terreno. Não tinha uma única nódoa, nem uma mancha de pó, nem um fio que indicasse negligência. Tudo era cuidado; desde a limpeza absurda do chão, aos vasos de plantas vígas que alegravam a clara galeria que atravessávamos. As enfermeiras, muito arejadas, muito brancas, plenas dum lúcio discreto, bemfazeja... Nada falava os doentes, nem carinhos quaisquer, nem assento, nem sossêgo um só sigo penetrante que nos avassala o espírito e no-lo deixa repousar brandamente...

Numa enfermaria, um doente, olhos grandes encovados, face aberta e franca, bramou contra os ricos, contra os industriais, que acumulavam fortunas de milhares de contos, que exploravam o operário, a máquina humana e nem sequer auxiliavam o hospital, onde essas máquinas avariadas, não encontravam os aparelhos modernos, necessários a certas operações cirúrgicas. Aquela discurso pleno de revolta, ecoava na enfermaria calma, silente, como uma voz vermelha, como um tufo forte sobre um campo mimoso.

Enquanto o doente gritava, olhei curioso as faces da «madre» que nos acompanhava. Nem uma ruga, que indicasse reação dessa grita intensa, anunziadora dumha revolução próxima, dumha revolução que será o desabafar formidável de milhões de oprimidos, agora esmagados ao péso tirânico do capitalismo, nem uma ruga, dizia, sulcou a sua face serena, e os seus olhos azuis limitaram-se a olhar mais uma vez o céu—os seus olhos calmos como um lago quêdo.

Teve um gesto e nele julgamos adivinhar uma frase, uma expressão um pouco confusa «o doente tinha razão».

Depois de passarmos pela sala das operações, pelo consultório, cozinha, etc., tudo limpo, como se o tempo não fizesse ali o poder de manchar e destruir, saímos agradecidos à boa «madre» que nos honrou com a sua companhia.

Caí fora no jardim, onde o espírito de economia mandou plantar couves rústicas, o meu cicerone voltou a lamentar a presença das religiosas. Era mais um triunfo da reacção.

Eu abanei a cabeça, apresentando um senão. Entendia que da laca, as enfermeiras religiosas, pelo que acabava de ver, eram, devido à sua fé em Deus e ao seu espírito de sacrifício, mais carinhosas, mais suaves no tratamento para com enfermos. E como não custumo ocultar os meus erros ou dos meus amigos disse-lhe:

— Nos, os ateu, só conseguiremos combater eficazmente o espírito deista, quando a nossa educação revolucionária souber incutir no homem o espírito de sacrifício pelo próprio homem, quando cada um chegar à perfeição de considerar a vida alheia mais preciosa que a sua própria vida.

A paisagem

Um amanhecer encantador.

— A aérea visão da cidade à beira da serra

Raras vezes tenho assistido a espetáculos tão belos, tan emocionantes como o que gozai há dias no combóio nocturno que me conduzia à Covilhã. Conservo-a ainda bem vivo, na minha memória. Foi nascer do sol sobre a incomparável paisagem beira, desde Castelo Branco que as primeiras claridades, muito frouxas, muito ténues começaram tingir os longos raios e áridos, como os do Alentejo, dum cinza violeta, espessa e triste.

E o combóio, corria, corria veloz, como que ancião, por saí da bruma sufoante e precipitava-se em plena e franca claridade. Os meus olhos investigavam o horizonte. O dia era já mais claro e uma massa negra, longínqua, confundida no horizonte aveloso, er-



Uma das muitas fentes da cidade

gue-se ao fundo da planície vasta, numa altitude imponente, quase amadora. Eravam as primeiras ondulações fortes da Serra da Estrela. E puz-me a seguir aquela muralha negra, colossal, formidável, com um olhar receoso. Tinha a impressão de que em breve essa muralha imensa me impediria de passar, colocando-se entre mim e a cidade Covilhã que a minha imaginação fantasiosa dava beleza inconfundível, duma paz paradisíaca.

Mas, pouco a pouco, a sombra va-

gamente roxa, angustiosa, que me afigia, que me opriu o peito, foi-se dissipando. O colorido roxo que tudo cobria, como um véu de tristeza infinita, bafo poderoso do sol, animou-se, tomou vida, impregnou-se de alegria e, numa volta súbita da linha férrea, surgiu plena dum cõr de rosa vivo que se colava às costas, como um beijo apixonado, como um beijo inflamado e fecundo.

A vegetação, até ali rara sobre a terra calva, era profusa agora. Pintorescas subiam a pequenas encostas, um pouco inclinados, como se fosse difícil a marcha por tam lugrême caminhos. E o sol nascente, como uma grande roda de ouro scintilante, lançava bençãos douradas sobre a paisagem encantadora, ridente, dum rosto alegre e rosado, que cantava em cada encalço gracioso, que refilgia em cada casinhotão branco de cal.

Foi assim, neste ambiente feliz que, repentinamente, a Covilhã, apareceu no alto, aérea, como uma nuvem fantástica de casarão gracil, adejando sobre um monte verdejante.

Tornou-se mais lenta a marcha do combóio; mais compassado o cantar das suas rodas. Um frescor suave ac-

riava-me as faces. E os meus olhos deliciados, não podiam abandonar o casario preguiçoso, que se espregava sussumamente na alta ondulação, protegida pela Serra enorme, que atingia o céu azul e diâfano.

A velocidade do combóio ia morrendo lentamente, suavemente.

— Covilhã! entoou uma voz musical.

Despertado do meu sono. Desci precipitadamente. Esperavam-me indúrmadas, face sorridentes; olhos curiosos cravavam-se nos meus olhos.

Nenhum deles, com certeza, acreditava que este indivíduo desleigante, andar pesado, atitudes frías, pudesse alimentar um sonho de beleza incomparável. As aparências... Eu também, a associação dos operários têxteis, convocando os trabalhadores a apresentar-se nessas casas no dia do despedimento, tem conseguido com a sua força evitar que muitos crimes se livesssem cometidos na Covilhã, como em Lisboa a praga juventude.

— Nos, os ateu, só conseguiremos combater eficazmente o espírito deista,

quando a nossa educação revolucionária souber incutir no homem o espírito de sacrifício pelo próprio homem,

quando cada um chegar à perfeição de considerar a vida alheia mais preciosa que a sua própria vida.

O inquilinato

Covilhã durante a noite—Os que dormem na rua nos bairros da miséria

A cidade da Covilhã é iluminada a luz eléctrica; porém, essa electricidade é fraca, recosa de iluminar a pobresa de certos bairros. Há mesmo ruas onde a luz não penetra. E' ai que, em regra, a miséria se acoita.

Uma noite levaram-me a dar uma grande volta pela cidade. Percorri inúmeras vielas estreitas, sinuosas que me lembravam Alfama. A noite era escura e tudo mergulhava numa sombra espessa. Das portas abertas, como grandes gaiolas negras, sinistras saia um fôntido perturbante de sujidade e de miséria.

Aqui e acolá, a luz dum candeeiro de petróleo atravessava na rua mal calcetada um lençol alaranjado. A's portas, meias portas toscas, sentavam-se silhuetas inconfundíveis de prostitutas provocantes.

— Desgracadas... — murmurou.

— E' um contingente razoável que muitas fábricas fornecem—ciclo o meu companheiro, numa voz triste que me impressionou.

Houve um momento de silêncio. Caminhando, cada um mergulhou nas suas reflexões sombrias como aquelas ruas acanhadas, onde o calor asfixiante da noite de estio se concentrava, viscoso, nojento, abjecto.

— Vou que é um temperamento impressionável, vai assistir agora a um espetáculo único—tornou o meu ciclone e amigo.

Conduzi-me, então, a outras vielas ainda mais estreitas, mais nauseabundas, mais sinistras. A marcha tornou-se mais lenta porque os inquilinos daqueles predios toscos, acossados pela falta de higiene, pelo acharado dos casereiros resumidos, onde viviam famílias numerosas, dormiam no chão, cá fora, na rua, sobre panos e sarapilheiras; as mulheres deixando adivinhar as carnes lascivas, poluídas, através das camisas sujas, os homens, blasfemando; as crianças quedas, dormindo o seu sono de pedra.

Tive horror. Julguei-me na presença dum campo de batalha ceifado pelas baionetas impetuosas dum inimigo cruel.

Caminhei, com cuidado, receando pisar-selos; tinha nojo de magoar-los, os pobres, tam malcheirosos; tinha medo que, esmagando aquelas carnes fétidas, impurezas repugnantes se espalhassem sob os meus pés, como lama viscosa de repente.

Uma mulher praguejou:

— Raio, lá veem os homens da capa vermelha!

Que frase bizarra! Demandei a sua significação ao meu companheiro. Ele explicou os homens da capa vermelha são parasitas imundos aos quais aquela gente foge, dormindo na rua, e que mesmo assim não deixam de lhes matizar as carnes, de lhes perturbar o branco de cal.

— Raio, lá veem os homens da capa vermelha!

Todas as águas me deliciaram. Unas mais encorpadas, outras leves, levíssimas, frescas—todas, porém, davam vida, saúde, bem-estar.

Ponto de parte as águas límpidas e murmurantes, o cemitério é tudo na Covilhã; e un incorreria num erro, talvez num crime, se abandonasse uma cidade que tam bem me recebeu, sem visitar os mortos, que dormem em paz nas suas sepulturas banhadas pela luz da morte que tanta vida dê as pretas anciãs que me dirigem?

Perdão! Há alguma cousa que preocupa o covilhanense, que o enche de justificado orgulho — é a água. É inacreditável a variedade de águas abundantes que a Covilhã possui. Eu provei de todas ou quase todas. Bebi na Fonte Santa, na Fonte dos Lameiros, nos Bairros Sociais, em toda a parte.

Todas as águas me deliciaram. Unas mais encorpadas, outras leves, levíssimas, frescas—todas, porém, davam vida, saúde, bem-estar.

Ponto de parte as águas límpidas e murmurantes, o cemitério é tudo na Covilhã; e un incorreria num erro, talvez num crime, se abandonasse uma cidade que tam bem me recebeu, sem visitar os mortos, que dormem em paz nas suas sepulturas banhadas pela luz da morte que tanta vida dê as pretas anciãs que me dirigem?

Perdão! Há alguma cousa que preocupa o covilhanense, que o enche de justificado orgulho — é a água. É inacreditável a variedade de águas abundantes que a Covilhã possui. Eu provei de todas ou quase todas. Bebi na Fonte Santa, na Fonte dos Lameiros, nos Bairros Sociais, em toda a parte.

Todas as águas me deliciaram. Unas mais encorpadas, outras leves, levíssimas, frescas—todas, porém, davam vida, saúde, bem-estar.

Ponto de parte as águas límpidas e murmurantes, o cemitério é tudo na Covilhã; e un incorreria num erro, talvez num crime, se abandonasse uma cidade que tam bem me recebeu, sem visitar os mortos, que dormem em paz nas suas sepulturas banhadas pela luz da morte que tanta vida dê as pretas anciãs que me dirigem?

Perdão! Há alguma cousa que preocupa o covilhanense, que o enche de justificado orgulho — é a água. É inacreditável a variedade de águas abundantes que a Covilhã possui. Eu provei de todas ou quase todas. Bebi na Fonte Santa, na Fonte dos Lameiros, nos Bairros Sociais, em toda a parte.

Todas as águas me deliciaram. Unas mais encorpadas, outras leves, levíssimas, frescas—todas, porém, davam vida, saúde, bem-estar.

Ponto de parte as águas límpidas e murmurantes, o cemitério é tudo na Covilhã; e un incorreria num erro, talvez num crime, se abandonasse uma cidade que tam bem me recebeu, sem visitar os mortos, que dormem em paz nas suas sepulturas banhadas pela luz da morte que tanta vida dê as pretas anciãs que me dirigem?

Perdão! Há alguma cousa que preocupa o covilhanense, que o enche de justificado orgulho — é a água. É inacreditável a variedade de águas abundantes que a Covilhã possui. Eu provei de todas ou quase todas. Bebi na Fonte Santa, na Fonte dos Lameiros, nos Bairros Sociais, em toda a parte.

Todas as águas me deliciaram. Unas mais encorpadas, outras leves, levíssimas, frescas—todas, porém, davam vida, saúde, bem-estar.

Ponto de parte as águas límpidas e murmurantes, o cemitério é tudo na Covilhã; e un incorreria num erro, talvez num crime, se abandonasse uma cidade que tam bem me recebeu, sem visitar os mortos, que dormem em paz nas suas sepulturas banhadas pela luz da morte que tanta vida dê as pretas anciãs que me dirigem?

Perdão! Há alguma cousa que preocupa o covilhanense, que o enche de justificado orgulho — é a água. É inacreditável a variedade de águas abundantes que a Covilhã possui. Eu provei de todas ou quase todas. Bebi na Fonte Santa, na Fonte dos Lameiros, nos Bairros Sociais, em toda a parte.

Todas as águas me deliciaram. Unas mais encorpadas, outras leves, levíssimas, frescas—todas, porém, davam vida, saúde, bem-estar.

Ponto de parte as águas límpidas e murmurantes, o cemitério é tudo na Covilhã; e un incorreria num erro, talvez num crime, se abandonasse uma cidade que tam bem me recebeu, sem visitar os mortos, que dormem em paz nas suas sepulturas banhadas pela luz da morte que tanta vida dê as pretas anciãs que me dirigem?

Perdão! Há alguma cousa que preocupa o covilhanense, que o enche de justificado orgulho — é a água. É inacreditável a variedade de águas abundantes que a Covilhã possui. Eu provei de todas ou quase todas. Bebi na Fonte Santa, na Fonte dos Lameiros, nos Bairros Sociais, em toda a parte.

Todas as águas me deliciaram. Unas mais encorpadas, outras leves, levíssimas, frescas—todas, porém, davam vida, saúde, bem-estar.

A Câmara

O sr. José Craveiro narra a actuação do Municipio a que preside

O presidente da Comissão Executiva da Câmara Municipal da Covilhã, é o sr. José Craveiro, o pad. Zé Craveiro, como o covilhanense lhe chama na sua linguagem pitoresca.

Como num número do Trabalho, órgão dos operários têxteis da Covilhã, o traço num art

